

# LIVROS CICLO DE CONVERSAS PROIBIDOS

 **Oeiras**  
Marca o ritmo

**23 ABR**  
2014



***Evangelho segundo Jesus Cristo,***  
*de José Saramago*

## **GUIÃO DE LEITURA**

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação  
Auditório da Biblioteca Municipal de Oeiras

## INTRODUÇÃO

Em Abril o livro em análise é *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, publicado em 1991. Trata-se de uma das mais polémicas obras deste autor, considerada blasfema e abusiva por alguns, os suficientes para o levarem ao autoexílio. José Saramago sempre alimentou uma relação difícil com a Igreja e os políticos católicos fervorosos. A imagem de Jesus Cristo, segundo um Evangelho reinventado e controverso, causa um verdadeiro vendaval em 1992. O então subsecretário de Estado da Cultura, António de Sousa Lara risca o livro da lista de concorrentes ao Prémio Literário Europeu. Considera-o contra o património religioso português. “Censura” e “ato brutal” acusa Saramago. O escritor parte para Lanzarote, nas ilhas Canárias, Espanha, profundamente zangado com quem assistiu impávido e sereno ao gesto de Lara.

Galardoado com o Prémio Nobel em 1998, a reconciliação com Portugal viria mais tarde. Mais de 20 anos depois da 1ª edição, este *Evangelho* é encarado com mais tolerância, mas continua a suscitar controvérsia. Uma visão polémica sobre Jesus Cristo, o Deus-homem. Um homem que viveu há mais de dois mil anos atrás e cuja singularidade e marca continua a alimentar leituras diversas e a ser objeto de reflexão. José Saramago também lhe dedicou tempo e atenção. Com a qualidade e o questionamento literário de sempre.

*Livros Proibidos* pela voz de Frei Bento Domingues. A moderação é de Nicolau Santos.

## NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O CONFERENCISTA

Nascido em Travassos (Terras de Bouro) em 1934, Basílio de Jesus Gonçalves Domingues tomou, em 1953, o nome de Bento, quando entrou para a ordem dos Pregadores ou Frades Dominicanos.

Estudou Filosofia em Fátima e Teologia em Salamanca, Toulouse e Roma. O modo como exerceu o cargo de assistente da Juventude da Igreja de Cristo no Porto (1962-63) forçou-o ao exílio. Em 1965, voltou a Portugal para lecionar em Fátima, Lisboa e Porto, em escolas católicas e laicas.

Nos anos finais do regime ditatorial participou na Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. A partir da década de 1980, lecionou também em Angola, no Peru, Chile e Colômbia.

Entre 1998 e 2001, dirigiu a organização do curso de Ciência das Religiões, na Universidade Lusófona. Publicou, entre ensaios e artigos, quatro livros, na Editora Figueirinhas, que reúnem os primeiros anos de crónicas no *Público: A Humanidade de Deus, A Igreja e a Liberdade, As Religiões e a Cultura da Paz* (dois volumes), *A Religião dos Portugueses*. O livro de homenagem *Frei Bento Domingues e o Incómodo da Coerência*, da Editora Paulinas. Reúne textos de diferentes pessoas sobre a sua personalidade e pensamento.

Mais recentemente, em Fevereiro de 2014 publicou, na Temas & Debates, o título *Um Mundo que Falta Fazer*. Foi, ainda, eleito membro do Conselho Geral da Universidade do Porto. Exerce atividade regular como cronista do Jornal Público. É autor de inúmeras palestras e conferências sobre temas diversificados. Pensador, teólogo, espírito crítico, Frei Bento Domingues é autor de uma reflexão caracterizada pela lucidez, liberdade e bom humor. Faz da teologia um tema em constante debate com o público leitor.

## NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O MODERADOR

Nicolau Santos é jornalista e um dos rostos mais conhecidos do público português e estrangeiro. Licenciou-se em Economia pelo Instituto Superior de Economia (ISE) de Lisboa em 1980. É subdiretor de um dos semanários mais emblemáticos de sempre, desde 1998, *O Expresso*.

Corresponsável pelo programa da SIC Notícias, *Expresso da Meia-Noite*, um dos mais conceituados da televisão portuguesa, habituou-nos a um registo tranquilo, mas assertivo e a uma subtil ironia. O seu espírito crítico de livre-pensador e o seu profundo conhecimento em matérias e assuntos económicos é a marca dos textos que semanalmente publica. É, por isso, também comentador para os assuntos económicos da *RDP – Antena 1*, desde 1998. Anteriormente exerceu esta atividade no *Jornal das Nove* (RTP2) e na *Rádio TSF*. Exerce, ainda, o cargo de Diretor-Adjunto do *Expresso* desde Janeiro de 2006.

Foi cofundador e *Diretor do Semanário Económico*, do *Diário Económico* e do *Jornal Público*. É autor de diversos programas televisivos de onde se destaca *Acerto de Contas* e *O Dinheiro não Dorme*.

É também um *economista poeta*, autor de um Blog com o mesmo nome e com alguns livros de poesia publicados em coautoria.

## DISTINÇÕES

- Condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique (grau de comendador) pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, a 2 de Março de 2006.
- Medalha de Prata da Associação Industrial Portuguesa, por ocasião dos 170 anos da AIP, em 1 de Fevereiro de 2007

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

SILVA, António Costa. SANTOS, Nicolau – *Aroma de Pitangas num país que não existe*. Lisboa: Arcádia, 2011. 236 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** POE POE-EST SIL

SANTOS, Nicolau – *Portugal vale a pena*. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2010. 191 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** OUT-GEN OUT-GEN-POR SAN

## NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR

### *A Bagagem do Viajante (1922-2010)*

*Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas.  
Nada disto tem importância, a não ser para mim.<sup>1</sup>*  
José Saramago

José de Sousa Saramago, hoje justamente considerado um dos escritores mais destacados da literatura portuguesa contemporânea, constitui um caso invulgar de notoriedade e de sucesso de público, em Portugal e no estrangeiro, um sucesso que a atribuição, em 1998, do Prémio Nobel da Literatura veio consolidar. Nasceu a 16 de Novembro de 1922 em Azinhaga (Ribatejo), oriundo de uma família de trabalhadores rurais. O pai chamava-se José de Sousa, a mãe Maria da Piedade. A família paterna era conhecida pela alcunha de Saramago. Faleceu em Lanzarote em 2010, uma das ilhas das Canárias (Espanha), *as solitárias ilhas que muitos homens albergam nos solitários corações* e que definiu numa parábola admirável: *Viver em Lanzarote é, afinal, viver num bairro de uma grande ilha que é o pequeno mundo em que todos vivemos.*<sup>2</sup>

Espírito irreverente, voz do desassossego, as suas palavras acordam em nós uma espécie de consciência cívica universal e relembram-nos a importância da língua e, por isso, da leitura e dos livros como instrumento do saber e do conhecimento e a sua função na construção da memória coletiva. É certo que o mundo está cheio de ruído... Um ruído ensurdecador que, frequentemente aniquila o verdadeiro sentido das palavras e que irremediavelmente nos distrai. Por isso mesmo é necessário voltar aos *mestres* da língua, escutar o seu eco em nós, perpetuar o seu legado.

José Saramago, *artesão da palavra*, nasceu pobre. Mas a falta de recursos económicos (que o impediu de fazer um percurso escolar e académico normal) foi compensado pela criatividade e pelo génio. *Levantado do chão*, autodidata, pensador, escritor que procura o sentido da vida e da condição humana, imortalizou-se pela palavra. Não foi preciso mais nada!

---

<sup>1</sup> SARAMAGO, José - *A Bagagem do Viajante*. Lisboa: Caminho, 1986. p 11.

<sup>2</sup> BASTOS, Batista - *José saramago. Aproximação a um retrato*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores. Publicações Dom Quixote, 1996. p.20

*Nunca fui afeto a essa vaidade necrófila que leva tanta gente a pesquisar o passado e os que passaram, buscando os ramos e os enxertos da árvore que nenhuma botânica menciona - a genealógica. Entendo que cada um de nós é, acima de tudo, filho das suas obras, daquilo que vai fazendo durante o tempo que cá anda. Saber donde vimos e quem nos gerou, apenas nos dá um pouco mais de firmeza civil, apenas concede uma espécie de alforria para a qual em nada contribuímos, mas que poupa respostas embaraçosas e olhares mais curiosos do que a boa educação haveria de permitir. Ser filho de alguém bastante conhecido para que não fiquem em branco as linhas do cartão de identidade, é como vir ao mundo carimbado e com salvo-conduto.<sup>3</sup>*

A referida falta de recursos económicos familiares (que já obrigara a uma diáspora do Alentejo para Lisboa) obriga o nosso autor a deixar o Liceu de Gil Vicente em Lisboa e a matricular-se na Escola Industrial de Afonso Domingues. A primeira profissão que conhece é de serralheiro mecânico nas oficinas dos Hospitais de Lisboa e frequenta, no horário noturno, a Biblioteca Municipal do Palácio das Galveias. Terá outras ocupações profissionais: auxiliar de escrita nos Serviços Administrativos dos Hospitais Cíveis e na Caixa de Abono de Família do Pessoal da Indústria de Cerâmica. Em 1944 casa-se com a pintora e gravadora Ilda Reis. Em 1947 publica *Terra de Pecado*, (um primeiro esforço literário e quase anónimo) e nasce a sua única filha Violante. Em 1949 escreve outro romance *Claraboia*, que não seria publicado. Quarenta anos depois, o original apareceu nos arquivos da editora que o tinha recusado e foi recuperado pelo autor.

Em 1955, a convite de Nataniel Costa, diretor literário da editora, começa a colaborar no sector de produção da Editorial Estúdios Cor. Mais tarde, em 1968, colaborará como crítico literário na Revista *Seara Nova* e um ano mais tarde ingressa no Partido Comunista Português. Foi cronista do jornal *A Capital* e *Jornal do Fundão* (cujas crónicas publicadas reuniria nos livros *Deste Mundo e do Outro* e *Bagagem do Viajante*) e editor do *Diário de Lisboa*. Mais tarde viria, ainda, a dirigir o *Suplemento Literário* deste jornal. Participa em outras publicações, entre as quais uma Revista de Arquitetura. Em 1975 é nomeado diretor-adjunto do *Diário de Notícias*.

---

<sup>3</sup> SARAMAGO, José - *A Bagagem do viajante*. Lisboa: Caminho, 1986. p. 11

Acabará por se dedicar apenas à escrita abandonando todas as outras atividades. Uma vida inteira de papel e caneta na mão.

Casa-se, pela segunda vez, em 1988 com a jornalista espanhola Pilar Del Río. Em 1991 publica *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e recebe o Grande Prémio de Romance da Associação Portuguesa de Escritores e o Prémio Brancati de Itália. Nesse ano a Editora Lello publica, em três volumes, a *Obra Completa*. Em 1992 o governo Português veta a apresentação do romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ao Prémio Literário Europeu, para que tinha sido selecionado por organizações culturais competentes.

Foi agraciado com muitos prémios literários ao longo do seu percurso, em Portugal e no Estrangeiro. Uma vida literária que anunciou e concretizou o *homem da palavra*. Tal como já foi referido anteriormente o trajeto literário de José Saramago apresenta-nos algumas peculiaridades. Teve inícios, silêncios e pausas, e foi uma vocação que se revelou tardia para o público. Mas o escritor sempre morou nele. Neorrealista, pós-modernista, não interessa. Sempre viveu nas profundezas da sua alma peregrina.

Depois dessa primeira tentativa de edição com a obra *Terra de Pecado* (1947), destinado a ter uma vida curta e praticamente sem memória, só passados trinta anos Saramago publica um segundo romance, *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), então subtintulado *ensaio de romance*; trata-se, neste caso, de relatar o trajeto de uma personagem-artista, pintor medíocre e escritor que vai emergindo, metaficcional, uma consciência estética e uma atitude perante o mundo, desembocando no estímulo à sua representação pela escrita, na data libertadora de 25 de Abril de 1974.

Como *homem da palavra*, a poesia, esse discurso primeiro na forma como dizemos o mundo, foi obrigatória. *Os Poemas Possíveis*, 1966, *Provavelmente Alegria*, 1970; *O Ano de 1973*, 1975, prepara e anuncia a emergência do romancista, tal como acontece, de forma mais direta com a escrita do conto *Objeto Quase*, 1978 e mesmo do relato de *Viagem a Portugal*, 1981.

Nos últimos anos os seus romances cumprem esse desígnio inerente à escrita do contador de histórias que é a reflexão sobre a condição humana: imperfeita, finita, contraditória, violenta e apaixonada. Porque existem coisas que somos e não sabemos. Aprendemo-las, muitas vezes,



pelo olhar do que escreve, pelo mediador da palavra. Saramago foi acima de tudo um viajante... levando na sua bagagem, memórias, rascunhos das histórias que haveria de contar.

A memória é, sem dúvida, de todas as nossas bagagens, a mais pesada que um viajante leva consigo. E também a mais preciosa, a que menos está disposto a perder.

Todos somos, por isso, um pouco herdeiros desse *Abraão mítico* que deixou a sua casa, a sua parentela e partiu rumo ao desconhecido, à terra prometida. A sua bagagem vai repleta de expectativa, de esperança. Ser filho de *Abraão* é, por isso, ser viajante, responder a um chamamento, dar início à viagem, tornar-se um estranho.

Conta a estória que o maior perigo que Ulisses encontrou na sua longa *Odisseia*, não foi o *Ciclope*, nem foram as *Sereias*: foi a flor consumida pelos *Lotófagos*. A *flor do lótus*, a flor do esquecimento que apaga a memória e faz esquecer a pátria. Quando se torna demasiado pesada, o viajante entrega aos outros uma parte do peso, partilhando as suas lembranças, contando suas viagens. Se ele sente necessidade de escrever relatos, partilhar páginas da sua vida não é só por medo de esquecer, mas para aliviar a sua bagagem, libertar espaços, acolher novas lembranças e tornar possíveis novas viagens...

Por isso mesmo, a leitura de muitas das páginas que José Saramago escreveu faz-nos regressar a essa pátria, essa *Ítaca* esquecida que mora em cada um de nós: a nossa condição como seres humanos, seres da palavra e da criatividade. Frágeis, imperfeitos, preciosos, únicos, belos e finitos.

## **Obras Publicadas:**

### **CONTO**

*Objeto Quase*, 1978

*Poética dos cinco Sentidos*, 1979

*O Conto da ilha Desconhecida*, 1997

*A Maior Flor do Mundo*, 2001

### **CRÓNICAS, ENSAIOS E MEMÓRIAS**

*A Estátua e a Pedra*, 1966

*Deste Mundo e do Outro*, 1971

*A Bagagem do Viajante*, 1973

*As Opiniões que o DL teve*, 1974

*Os Apontamentos*, 1976

*Folhas Políticas*, 1976, 1998, 1999

*Discursos de Estocolmo*, 1999

*O Caderno*, 2009

*O Caderno 2*, 2010

*Democracia y Universidad*, 2010

## **DIÁRIO**

*Cadernos de Lanzarote I*, 1994

*Cadernos de Lanzarote II*, 1995

*Cadernos de Lanzarote III*, 1996

*Cadernos de Lanzarote IV*, 1997

*Cadernos de Lanzarote V*, 1998

## **POESIA**

*Os Poemas Possíveis*, 1966

*Provavelmente Alegria*, 1970

*O ano de 1993*, 1975

## **ROMANCE**

*Terra do Pecado*, 1947

*Manual de Pintura e Caligrafia*, 1977

*Levantado do Chão*, 1980

*Memorial do Convento*, 1982

*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1984

*A Jangada de Pedra*, 1986

*História do Cerco de Lisboa*, 1989

*Evangelho segundo Jesus Cristo, 1991*

*Ensaio sobre a Cegueira, 1995*

*Todos os Nomes, 1997*

*A Caverna, 2000*

*O Homem Duplicado, 2002*

*Ensaio sobre a Lucidez, 2004*

*As Intermittências da Morte, 2005*

*A Viagem do Elefante, 2008*

*Caim, 2009*

## **TEATRO**

*A Noite, 1979*

*Que farei com este livro?, 1980*

*A Segunda Vida de Francisco de Assis, 1987*

*In Nomine Dei, 1993*

*Don Giovanni ou O dissoluto absolvido, 2005*

## **VIAGEM**

*Viagem a Portugal, 1981*

## **BREVE LEITURA HISTÓRICA DA OBRA**

### *Evangelho segundo Jesus Cristo*

### *O crepúsculo de um Deus*

*E terá alguma vez o refinamento do espírito sido capaz de inventar um engodo ainda mais perigoso que esse? Qualquer coisa que se parecesse com a força sedutora, embriagante, anestésica e viciante desse símbolo que é a “santa cruz”, desse horrível paradoxo de um “deus crucificado”, desse mistério de uma crueldade extrema, absoluta, inimaginável, a de um deus que se crucifica a si próprio para salvação do homem...? Nietzsche. Para a Genealogia da Moral<sup>4</sup>*

*Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos amigos.*  
João, 15:13

Um dos maiores paradoxos da história da igreja e da humanidade reside, certamente, nesse acontecimento inúmeras vezes retratado e comentado que é a crucificação de um homem singular que viveu há mais de dois mil atrás, conhecido como Jesus de Nazaré. É a figura central do cristianismo e aquele que os ensinamentos da maior parte das denominações cristãs além dos judeus messiânicos consideram ser filho de Deus. Ainda segundo o cristianismo e o judaísmo messiânico, Jesus seria o Messias aguardado no Antigo Testamento e refere-se a ele como Jesus Cristo, *Yeshua Ha'Maschiach*, um nome usado fora do contexto cristão.

A figura deste homem é tão estranhamente inquietante, consubstanciada na imagem terrível de um Deus crucificado que, até hoje, a sua vida, a sua ação enquanto homem da palavra, pregador, profeta, carpinteiro, autor de eventos maravilhosos, e as suas pegadas permanecem envoltas numa poeira equívoca que teima em não se dissipar, não deixando separar objetivamente o Jesus da fé, o Jesus bíblico do Jesus da história. Praticamente todos os académicos contemporâneos concordam que Jesus existiu realmente, embora não exista consenso quanto à veracidade dos chamados Evangelhos Canónicos (Mateus, Lucas, Marcos e João). A maior parte dos historiadores e comentadores concorda que Jesus foi um pregador judeu da Galileia que nasceu entre 7-2 a.C. e morreu por volta de 30-33 d.C., foi batizado por João Batista e crucificado por ordem do governador Pôncio Pilatos.

---

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich - *Para a genealogia da moral, I, 8*. trad. e notas JUSTO, José M. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997. p. 33-34.

Muitos foram já os autores que construíram vários perfis do Jesus histórico, que geralmente o retratam nos muitos papéis e personagens que encarnou: líder de um movimento político de insurreição, curandeiro, sábio, filósofo e reformista. Contudo, o epíteto mais polémico que lhe é atribuído é o de Messias, o filho do Deus vivo, o Deus crucificado.

É esta imagem insuportável da crucificação de um Deus, que está na base de todas as representações iconoclastas, literárias e artísticas.<sup>5</sup> É como se o processo de génese criativa fosse uma espécie de catalisador, de catarse para compreender o enigma, fazendo a leitura exegética coletiva dos motivos que leva um Deus a deixar-se crucificar-se para salvação do homem.<sup>6</sup> Não é por caso que o *Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago se inicia com a descrição da crucificação imortalizada na gravura do artista alemão Albrecht Dürer. Assim, fica desde logo marcado o tom subersivo deste Evangelho, ousado e diferente, que não começa com o nascimento mas com a morte.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Os textos Bíblicos constituem um enorme repositório de arte literária, os temas, imagens e símbolos bíblicos aparecem regularmente na literatura ocidental. Incontáveis escritores e poetas escreveram a partir de uma perspetiva claramente judaico ou cristã como Dante, John Milton, T. S. Eliot, Graham Greene, Bernanos, Paul Claudel, Shakespeare, Schiller, Goethe, Steinbeck, Dostoiévski, Mark Twain, para citar alguns. Thomas S. Eliot referia-se aos Salmos como a um “jardim de símbolos”. A título de exemplo não podemos deixar de referir essa personagem comovedora do Antigo Testamento descrita no Livro de Job. A sua história sempre atraiu literatos, artistas, teólogos e exegetas. Foi particularmente provocante para os filósofos (S. Kierkegaard, E. Bloch, C. Jung e Albert Camus). Na literatura portuguesa essa reverberação também é escutada em autores portugueses como José Cardoso Pires, na obra *O hóspede de Job* ou *O Outro Livro de Job* de Miguel Torga. Mas existem outras figuras que igualmente impregnaram o léxico literário, artístico e semântico do Ocidente: Abraão, David, Jacob, Salomão, Noé, Raquel, para referir apenas alguns. Para aprofundar o tema da influência da Bíblia na cultura artística e literária no Ocidente consultar o texto original de VAZ, Armindo dos Santos. *A Bíblia, O Livro que mudou o mundo ocidental*. In “10 Livros que Mudaram o Mundo”. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, Junho de 2005. pp. 61-105.

<sup>6</sup> De todas as representações artísticas de Jesus, uma das mais polémicas e perturbadoras é *O Cristo Morto*, de Hans Holbein. Autor alemão renascentista que acabaria por ser o pintor da corte de Henrique VIII de Inglaterra. Este quadro impressionou de tal forma Fiodor Dostoiévski que o levou a escrever uma das suas obras mais emblemáticas: *O Idiota*.

<sup>7</sup> *O sol mostra-se num dos cantos superiores do retângulo, o que se encontra à esquerda de quem olha, representando, o astro-rei, uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas, tal uma rosa-dos-ventos indecisa sobre a direção dos lugares para onde quer apontar, e essa cabeça tem um rosto que chora, crispado de uma dor que não remite, lançando pela boca aberta um grito que não poderemos ouvir, pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada.* SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 13.

Nietzsche, como vimos, também se refere ao *Deus crucificado* não só na obra *A Genealogia da Moral*, mas também no texto *Para além do bem e do mal*. A principal preocupação de Nietzsche ao longo de toda a sua vida foi engendrar a relação entre sofrimento e cultura, ou culturas. Ele avalia e separa as culturas segundo o modo pelo qual lidaram com a omnipresença do sofrimento e julga as morais pelo mesmo critério. É por isso que se interessou pela tragédia, mas perdeu o interesse quando começou a sentir que já não era uma possibilidade contemporânea. É por isso que estava sempre apaixonadamente preocupado com o heroico, na vida de preferência à arte e necessitando talvez de ser rebatizado como *Übermensch*. É a base do seu ataque à metafísica transcendente e a todas as religiões que postulam uma vida no Além. E, claro, foi uma preocupação existencial de primeira ordem para ele, porque a sua foi uma vida de sofrimento.

Correlativo ao interesse de Nietzsche pelo modo como olhamos o sofrimento é o seu interesse na grandeza em vez da bondade. Pois não há grandeza sem uma prontidão e uma capacidade para suportar, absorver e usar para o melhor fim uma imensa quantidade de dor. Grandeza, podemos dizer por antecipação, requer pôr a dor a trabalhar; bondade implica tentar eliminar a dor. Todos os últimos livros de Nietzsche vão aplicar-se a explorar esta diferença.

No entender de Nietzsche a moral, tal como é ainda praticada, deriva, em grande medida, da tradição Hebraico Cristã, o que significa que as suas origens estão para ser encontradas nos ditames de um Deus de uma pequena tribo do Médio Oriente, e que o seu conteúdo permanece em muito tal como era. Isto transcendentaliza-os imediatamente em duas direções. Primeiro, o seu cumprimento é fruto de ordens inquestionáveis, cuja punição por violação foi a uma dada altura retribuição divina imediata. Em segundo lugar, dado que o conteúdo era evidentemente planeado para a continuidade da tribo, cujas condições de vida eram muito diferentes das nossas, ele teve de ser tornado mais abstrato e desligado das condições em que vivemos. O resultado é que, em parte, essa moralidade tornou-se ininteligível. E, em parte, tem de ser coagida à relevância tornando-nos no género de seres aos quais se aplicaria sensatamente, embora sob muitos aspetos saibamos que ela é falsa. O assunto complica-se ainda mais pelas discrepâncias entre o Velho e o Novo Testamento e pela afirmação enigmática de Jesus ao proclamar que tinha vindo não para a destruir a lei mas para a fazer cumprir (Mateus 3:17). Segundo Nietzsche dado que muitos dos preceitos mais firmes se encontram em conflito aberto com a lei anunciada no Velho Testamento, o cristianismo sempre esteve num estado de crise de identidade moral. Muito embora tal facto seja um fator

importante na desordem moral do Ocidente, é um assunto secundário para Nietzsche que se interessa, sobretudo, pela natureza das sanções morais em geral.

Na verdade, tanto o Velho como o Novo Testamento constituem um código moral e de costumes e estão também na base de muitas das instituições do chamado Ocidente, para a Europa e, mais tarde, para a América (foram os textos bíblicos que sustentaram o cristianismo dos colonos ao longo de gerações. Ajudaram a forjar o que é hoje este território). Mas a sua influência estendeu-se também ao campo filosófico e ético, em grande medida da doutrina do decálogo no monte Sinai e do sermão das bem-aventuranças, dos ensinamentos morais de Paulo e dos profetas hebreus.

Podemos dizer, com toda a certeza, que os alicerces éticos e morais do Ocidente são, em grande medida fundamentados em representações morais cristãs que ainda vigoram no mundo contemporâneo definindo o *bem* e o *mal* o *justo* e o *injusto*, a sua significação simbólica e a forma como condicionam as ações humanas, constituindo e definindo os seu limites. Conceitos como *culpa*, *pecado*, *castigo* são efetivamente construções culturais produzidas no seio da narrativa bíblica.<sup>8</sup>

Esta é também a leitura que Saramago faz neste *Evangelho* que retrata a história e vivência de um Jesus humanizado, com defeitos e virtudes, com teimosias, culpas, dúvidas, medos, paixões, contradições, ilusões, afetos e rancores. O *Homem-Deus* mais Homem do que Deus sujeito à força inexpugnável da vida, perdido na sua inevitabilidade.

---

<sup>8</sup> Nietzsche é efetivamente um dos autores que denuncia e desmistifica conceitos éticos, morais e religiosos universais, cuja génese é em grande parte cristã. Para o filósofo do chamado *niilismo* o mentor do Cristianismo não é Cristo, mas o apóstolo Paulo que institucionalizou a Igreja e forjou grande parte dos dogmas que estão na base do seu discurso e das suas estruturas de poder. Conceitos como *culpa*, *pecado* e *castigo* acabarão cristalizados no poder sacerdotal que os legitima à sombra da imagem de Deus. Uma nota ainda para esclarecer que a intenção de Nietzsche não é negar a existência (de alguma forma) de valores. É um erro comum pensar que ele o faz. A negação de valores é o que ele designa em primeiro lugar por *niilismo*, o acontecimento que ele teme acima de todos os outros. Mas se ele algumas vezes se pensa a si mesmo como profeta do *niilismo*, não no sentido de proclamar a chegada deste como se fosse alguma coisa a celebrar, mas no sentido em que Jeremias era o profeta da destruição de Jerusalém. Aquilo que ele tenta demonstrar em textos como *A Genealogia da Moral* ou *Para além do Bem e do Mal* é o declínio, gradual mas em aceleração, do Homem Ocidental num estado em que nenhum valor lhe causa ainda impressão, em que fala deles mas eles já nada significam para ele. Ora um dos aspetos apontados como o declínio é justamente a moral instituída pela tradição Hebraico-Cristã.

Na realidade, muito embora os textos bíblicos sejam efetivamente aqueles que mais influenciaram a humanidade e estruturaram a sua identidade (com a sua sabedoria, ética e os seus valores morais) *não se trata de uma história de anjos, mas sim de uma história “cheia de ruído e de furor”, cheia de violência de atos e sentimentos, que nos revela com brutalidade sem máscara quem somos e do que somos capazes.*<sup>9</sup> A própria noção de culpa e de pecado (*cujo salário é a morte*, Romanos, 6-23) é a expressão disso mesmo. Herdada de Adão, o *primeiro homem*, é pessoal e transmissível. Um legado milenar, intemporal cuja única redenção conjuga as letras de um único nome: Jesus. É também um ponto forte no texto de Saramago.

*(...) Depois teve um pensamento ainda mais triste, o de os filhos sempre morrerem por causa dos pais que os geraram e das mães que os puseram no mundo e então teve pena do seu próprio filho, condenado à morte sem culpa.*<sup>10</sup>

*Disse o anjo, Sobre a cabeça dos filhos há-de sempre cair a culpa dos pais, a sombra da culpa de José já escurece a frente do teu filho.*<sup>11</sup>

Antes porém de nos determos na análise da obra, importa fazer uma breve e sucinta contextualização literária do nosso autor.<sup>12</sup> Nos anos 60 do século passado, a literatura portuguesa assiste à configuração de um novo romance, entre cujos cultores se encontram novos nomes, mas cujos mestres foram essencialmente os autores realistas. Estes tinham

---

<sup>9</sup> MUCZNIK, Esther - *A Bíblia e o Judaísmo*. In “10 Livros que Mudaram o Mundo”. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, Junho de 2005. p. 107.

<sup>10</sup> SARAMAGO, José - *Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 93

<sup>11</sup> SARAMAGO, José - *Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 116. Um dos episódios que mais retrata a questão da culpa é a conhecida e bíblica matança dos inocentes pelo Rei Herodes. Na altura, José trabalhava no Templo e ouve inadvertidamente uma conversa entre 3 soldados que revelam as ordens terríveis de Herodes. José segue em direção à gruta onde estava Jesus, pensando, simplesmente na salvação do seu filho e em nenhum momento lhe ocorre a ideia de avisar os pais das crianças o destino cruel que lhes estava destinado. Cumpre-se, por isso, o episódio do infanticídio. José, o carpinteiro, transforma-se assim num ser amargurado, assolado pela culpa. Esta mesma amargura, culpa e remorso também tomará conta de Jesus quando, mais tarde, se inteirar da verdade. Tal facto estará na base do início da sua viagem, da sua missão. Esta descrição apenas sinaliza as contradições da natureza humana, o seu egoísmo, as suas contradições, a sua cobardia. Homens feitos de carne e de pulsões.

<sup>12</sup> Nesta breve contextualização literária do autor utilizamos os seguintes textos: REIS, Carlos. *História Crítica da Literatura Portuguesa. Do Neorrealismo ao Pós-modernismo*. Lisboa: Editorial Verbo. Dezembro de 2005; IÁÑEZ, E. *História da Literatura. A Literatura Contemporânea depois de 1945*. Lisboa: Planeta Editora, 1995.



evoluído, a partir dos anos 50, para fórmulas narrativas mais complexas e ambiciosas em consonância com a renovação experimentada em boa parte da Europa e cujos predecessores tinham sido os vanguardistas dos primeiros 30 anos do século. É o caso do nosso autor, José Saramago, mestre do romance e da língua. Um dos mais internacionais escritores portugueses.

Ainda que a sua faceta mais consagrada seja a de romancista, é na palavra poética que encontra o caminho inaugural da escrita. O seu início na poesia deu origem a alguns livros onde o subjetivismo e a experiência dos sentimentos têm um lugar predominante. Mas muito mais interessante é a sua obra narrativa, que participa tanto do realismo como das inovações morfe estruturais da nova narrativa: clássico e moderno, sensível e lúcido, romântico e vanguardista, Saramago é um inconformista radical que conjuga, na sua obra, o compromisso com o homem e o mundo e a reflexão metafísica e estética, demonstrando desse modo que se pode produzir uma arte crítico-moral sem menosprezo pela expressão artística.

Os seus dois primeiros romances são muito diferentes entre si. Enquanto *Manual de Pintura e Caligrafia* (1976) se apresenta como uma série de reflexões sobre questões estéticas, *Levantado do Chão* (1980), que o consagrou em Portugal, é um “romance-rio” que desfia a história de quatro gerações do Alentejo e que, apesar do seu realismo, revela a variedade e domínio de tons, estilos e registos da escrita de Saramago. Estes eclodem nos seus dois melhores romances: o primeiro deles, *Memorial do Convento* (1982), é um retábulo riquíssimo e matizado do Portugal barroco cuja atmosfera difusa, que sugere valores oníricos, não evita o tom irónico e distanciador com que o autor aborda o mundo; o segundo *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) é também uma contemplação da história onde Saramago arremete contra a impassibilidade do intelectual. Aqui, o presente desenrola-se perante os olhos de Ricardo Reis, um dos heterónimos de Fernando Pessoa. No campo do mítico e do utópico, instala-se, por seu lado, *Jangada de Pedra* (1986), onde Saramago se serve da ficção – a separação da Península Ibérica do resto do continente e a sua marcha à deriva pelo oceano – para defender os valores ibéricos, dissonantes e próprios, face a uma cultura comum imposta a partir do Centro e Norte da Europa (e vimos os resultados dessa geopolítica económica nos dias de hoje). *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1992) surge a seguir, onde o nosso autor, um ateu declarado empreende uma leitura própria e laica da vida deste homem. Em quase todos estes romances, o discurso da ficção convoca procedimentos de análise em que a ironia, a paródia e mesmo o sarcasmo contribuem para uma reinterpretação de figuras e de episódios mitificados na cultura ocidental e na cultura portuguesa.

Nas obras ficcionais posteriores (*Ensaio sobre a Cegueira*, 1995; *Todos os Nomes*, 1997; *A Caverna*, 2000; *O Homem Duplicado*, 2002; *Ensaio sobre a Lucidez*, 2004), Saramago cultiva opções temáticas e de escrita de certa forma condicionada pela dimensão internacional que a sua obra literária atingiu, o que conduz ao abandono (ou pelo menos à suspensão) de temas e figuras e de episódios relevantes do imaginário cultural português. Acompanhando esse impulso de renovação, o estilo de Saramago reajusta-se num discurso mais sóbrio e mais direto do que aquele que caracterizava romances como *Memorial do Convento* e *O ano da Morte de Ricardo Reis*. A condição humana – com as suas fragilidades, com as suas duplicidades, com os seus egoísmos e crueldades – é agora um dos grandes sentidos visados por Saramago, em conjugação com a preocupação ética, mais do que ideológica, que o escritor projeta na sua ficção. Junta-se a isto uma visão cética e mesmo pessimista da relação do homem com o outro e da organização do mundo – mundo tentacular, absurdo e desequilibrado – com o escritor enuncia também em inúmeras intervenções públicas (os romances *A Caverna*, *O Homem Duplicado* e *Ensaio sobre a Lucidez* dão claro testemunho dessa visão cética). E em todos eles destaca-se o recurso à alegoria como fundamental procedimento de representação dos sentidos ético-sociais, uma alegoria de funda tradição na cultura e na arte ocidentais, que a ficção pós-modernista renovou e incorporou no seu discurso.

São sobejamente conhecidas as posições de José Saramago relativamente à existência de Deus e ao peso da instituição religiosa na sociedade. Assim, era ateu no sentido de que a ideia de Deus, tal como é veiculada pelos textos bíblicos, é uma invenção da mente humana e nada mais. O lugar da transcendência é o cérebro humano. Por isso afirmou um dia “todos nós não temos mais remédio do que ter Deus. Acho que não existe ninguém que não tenha Deus. O único ser que não teria Deus, seria aquele que tivesse nascido numa sociedade onde, desde sempre, qualquer sentido de transcendência fosse desconhecido. Aí, nem sequer podia existir a palavra ateu, visto a palavra e o conceito de Deus nunca terem existido”.<sup>13</sup> O mesmo será dizer que como seres no mundo, nascidos num meio cultural, quer seja do ponto de vista da arte, do direito, da filosofia e também da religião, seja ela cristã ou qualquer outra, encontramos já um Deus, portanto não podemos dizer que não o temos, porque inevitavelmente o temos.

---

<sup>13</sup> BASTOS, Batista - *José Saramago. Aproximação a um retrato*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores. Publicações Dom Quixote, 1996. pp 52-53.

Apesar da obra de Saramago ser eclética, o tema de Deus é recorrente e aparece retratado e referenciado em várias obras (a última das quais dedicada à leitura literal da história de *Caim*, a partir do Livro de *Génesis* do Antigo Testamento). No fundo, e nas palavras do autor o que ele faz é verbalizar o facto do ser humano se recusar a aceitar o *vazio*, o *nada*, a *morte*. Por isso inventamos o Criador e a eternidade. Ele é a expressão da nossa antropomorfização, de nos colocarmos no centro da vida, no centro de tudo. Daí a esperança, o medo de uma vida futura, conforme ela seja de prémio ou de castigo, de acordo com a liturgia cristã.

*O Evangelho segundo Jesus Cristo* nasce, justamente, da necessidade do autor de desconstruir dogmas e símbolos que estruturam a cultura ocidental e que foram, bastas vezes, arma de destruição, de guerras e combates. Tal como já foi referido anteriormente a obra começa com a imagem da crucificação de Cristo através da leitura plástica do quadro de Dürer.

Este *Evangelho*<sup>14</sup> começa com a morte, ao contrário dos *Evangelhos* canónicos que seguem o percurso normal de nascimento, pregação, paixão e morte. O objetivo do autor é redesenhar e desconstruir o tradicional universo judaico-cristão. Este texto, tal como em obras anteriores, procura problematizar a leitura dada a aspetos da realidade material. Neste caso é a génese da sociedade cristã que é colocada sob o seu olhar crítico. Desde logo, pela caracterização e humanização de determinadas personagens históricas e religiosas, agora reduzidas a simples personagens literárias e que constituem o ponto mais relevante da obra. E não falamos apenas desse Jesus humanizado, mas também de José e Maria. Um jovem casal da Galileia como tantos outros, pobre, com uma vida comum e banal.

*Viviam José e Maria num lugarejo chamado Nazaré, terra de pouco e de poucos, numa região de Galileia, em uma casa igual a quase todas, como um cubo torto feito de tijolos e barro, pobre entre pobres.*<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Os evangelhos são instrumentos de pregação apostólica que anunciam a boa nova e que falam da vida de Jesus, o redentor, o único e suficiente salvador e mediador entre os homens e Deus. A vida deste homem acabaria por ficar retratada nos livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, considerados os Evangelhos Canónicos. Existem, ainda, os Evangelhos Apócrifos que não constituem o cânone bíblico.

<sup>15</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 29

Este aspeto rotineiro e sem mistério do quotidiano de pessoas que viveram há mais de dois mil anos atrás, numa das zonas mais pobres do mundo de então é também encarnado pelo mendigo, cuja função não é só pedir mas anunciar o estado de graça de Maria. Em troca da sua generosidade, devolver-lhe-á a tigela com um misterioso conteúdo, o inexplicado prodígio da terra luminosa. *O barro ao barro, o pó ao pó, a terra à terra, nada começa que não tenha que acabar, tudo o que começa nasce do que acabou. Turbou-se Maria e perguntou, Isso que quer dizer, e o mendigo respondeu apenas, Mulher, tens um filho na barriga, e esse é o único destino dos homens, começar e acabar, acabar e começar.*<sup>16</sup>

Esta emblemática personagem que se dizia anjo (mas em forma de pedinte, embora alto, louro e faiscante como todos os anjos) virá a aparecer repetidas vezes ao longo da estrutura narrativa e ficcional da obra, revestindo-se com outras roupagens, culminando no desvelamento do representante do mundo subterrâneo: o Diabo.

Assim, à medida que a obra avança, a narrativa obriga à reflexão, impondo razão e pensamento crítico onde antes havia dogmas, sobretudo aqueles cuja leitura e cristalização foi imposta pela religião, enquanto entidade institucional.

De uma forma sucinta, poder-se-á dizer que a obra é estruturada segundo 3 eixos fundamentais:

1. Humanização de Jesus Cristo;
2. A referência aos sacrifícios (da rola, do cordeiro e dos homens);
3. Plano de Deus revelado a Jesus.

Este Jesus humanizado, herdeiro da culpa de José, da sua túnica e sandálias, será perseguido por um terrível sonho onde ecoam gemidos e lamentos de inocentes mortos para o salvar. O significado do seu sonho será revelado pela mãe, levá-lo-á a dar início à viagem, percorrer a estrada e amenizar a ferida que lhe fere a alma. Despojado da inocência infantil, Jesus propõe-se cumprir o seu destino em busca de alguém que lhe *revele a verdade insuportável da vida*. Porque *o filho de José e Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo de sangue e da sua mãe, viscoso das mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar e chorará por esse mesmo motivo.*<sup>17</sup>

<sup>16</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 33

<sup>17</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 83

Este Jesus como o homem-humano é sujeito da piedade, da bondade e da caridade em oposição ao Deus cuja crueldade e capricho não tem limites, ordenando o sacrifício da rola, do cordeiro e, por último, do seu próprio filho. *Ardendo entre as labaredas revoltas, aticadas pela gordura, o corpinho esventrado e flácido da rola não enche a cova de um dente de Deus.*<sup>18</sup>

Assim, O Deus bíblico assemelha-se ao Zeus intempestivo da mitologia grega. Na adolescência e muito tempo depois de ter saído de casa, Jesus vai ao templo para as suas orações e reverências a Deus. Sem saber como comprar um cordeiro para o sacrifício, pede esmolas. Mais tarde perde o bicho e sai a procura-lo pelos vales. Este acontecimento produzirá de forma casual o primeiro encontro de Jesus com Deus. Neste primeiro encontro Deus declara-se pai de Jesus e pede-lhe o sacrifício do cordeiro (que vai selar um pacto entre pai e filho) que Jesus, depois de muito argumentar, aceita. Episódios diversificados desenharam o percurso do nazareno, a maioria deles, desdobrados a fim de confirmar o carácter milagroso das atitudes do protagonista, não deixando, por outro lado, de denunciar a sua existência falível. Deus e Homem coabitando no mesmo corpo, autores do milagre dos peixes, do vinho e do pão, mas também do rosto humanizador do amor de Jesus por Maria Madalena.

Resta-lhe apenas um segundo e derradeiro encontro com Deus, a partir daí constrói-se o diálogo magistral entre a figura do criador e o homem de Nazaré. Este dolorosamente consciente da sua origem divina, tendo sido escolhido para uma missão que não esperava realizar, tenta evadir-se da tarefa, sem o conseguir. Nesse sentido, Deus, em seu discurso, revela o motivo que o levou a conceber um filho cuja missão seria a sua glorificação. Profundamente mergulhado nesse ardiloso plano divino, o filho não teria outro papel senão o de fazer de mártir, legitimando à sombra da sua imagem toda a crença e fé religiosa.

Deste modo, o pai revela ao filho o futuro, não apenas o seu próprio, mas também o da religião que será fundada à custa de muito sangue, morte e violência. Na delimitação dessas considerações Jesus aparece assaltado pelo ceticismo e pela insegurança, uma postura que desagrade ao Deus pouco paciente com as dúvidas existenciais do filho. À medida que o discurso vai avançando vai sendo interrompido pela interlocução constante do Diabo. Passados quarenta dias dessa situação, Jesus retorna à aldeia de pescadores, disposto a

---

<sup>18</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 101

cumprir o seu destino. O milagre de Lázaro, a traição de Judas e a negação de Pedro desdobravam-se neste contexto, a partir de uma visão dessacralizada desses episódios. Jesus é, então, crucificado, afirmado, na ocasião da sua morte, a paráfrase da citação bíblica: *Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.*<sup>19</sup> Ditas estas palavras, a vida se desprende do corpo e lá, aos pés da cruz, estaria a tijela, já presente na anunciação de sua chegada e, naquele momento, a serviço de recolher o sangue que lhe escorria dos pés.

*Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par e par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício.*<sup>20</sup>

Este *Evangelho* recriado por Saramago consubstancia, assim, a descrição e leitura da comunidade cristã concebida enquanto sociedade da culpa e do castigo. O personagem principal é um Jesus sofredor, imerso na sua humanidade. Concebido como todos os homens, cometeu os mesmos pecados, partilhou as mesmas dúvidas e sentiu-se fragilizado diante da morte.

Trata-se, sobretudo, de um romance que parte de acontecimentos históricos fundamentais para questionar e reler os dogmas e valores de uma das principais religiões do mundo. Nesta ficção, o narrador em tom irónico e sarcástico afirma que a sua intenção não é contrariar os Evangelhos canónicos, mas desconstrui-los construindo uma nova versão que é a sua versão.

*Sendo Jesus o evidente herói deste evangelho, que nunca teve o propósito desconsiderado de contrariar o que escreveram outros e portanto não ousará dizer que não aconteceu o que aconteceu, pondo no lugar de um Sim um Não, sendo Jesus esse herói e conhecidas as suas façanhas, ser-nos-ia muito fácil chegar ao pé dele e anunciar-lhe o futuro.*<sup>21</sup>

Uma versão que é, acima de tudo, uma crítica ao totalitarismo cristão enquanto conjunto de princípios dogmáticos que estruturam o mundo ocidental e que inauguraram e prefiguram *uma história interminável de ferro e sangue, de fogo e de cinzas, um mar infinito de sofrimento*

<sup>19</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 444

<sup>20</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 444

<sup>21</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p. 239-240.

e lágrimas <sup>22</sup>. Um Deus, escrito em minúsculas, que não obstante reinar sobre os judeus, expandiu os seus domínios, através da institucionalização da sua igreja, por toda a humanidade e tornou-se fundamento e modelo de muitos dos ditadores e demagogos da história. Para tanto fez do *pecado* e da *culpa* instrumentos imprescindíveis de um sistema legalista e coercivo presente em muitas das estruturas sociais e políticas de diversos regimes políticos que ao longo da história se sucederam. Será sempre preciso encontrar um culpado não importa quem seja.

*Deus, o bem, o mal, o diabo, o céu e o inferno* não passam de metáforas, conceitos que existem apenas na cabeça dos homens. Ao inventar Deus o Homem tornou-se escravo.

---

<sup>22</sup> SARAMAGO, José - *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1991. p 381

## ***Jesus Cristo, o alfabeto da vida Metáfora ou Epifania?***

*No princípio era o verbo e o verbo estava com Deus,  
E o verbo era Deus.  
E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós.  
João 1:1,14*

*As palavras são novas: nascem quando  
No ar as projetamos em cristais  
De macias ou duras ressonâncias.  
Somos iguais aos deuses, inventando (...)  
SARAMAGO, José. Os Poemas Possíveis*

Jesus, o Nazareno, é uma daquelas figuras históricas que nada escreveu. A fonte histórica que normalmente é utilizada para conhecimento da sua vida e da sua palavra são os chamados quatro Evangelhos Canónicos de Mateus Lucas, Marcos e João, seus discípulos e que com ele conviveram. Todos parecem ter as características da narrativa histórica e biográfica. Uns, como Mateus e Lucas, contam a história de Jesus de Nazaré desde os acontecimentos que precederam imediatamente o seu nascimento, os outros Marcos e João contam-na a partir do momento em que ele inicia a sua vida de pregador itinerante. Todos os quatro chegam a um mesmo conjunto de acontecimentos ainda que narrados de maneira bastante diferente: um enredo que narra uma história de pregação, traição, suplício, crucificação, morte e ressurreição. Tudo isto aconteceu entre o ano 30 e o ano 35. Apesar das variantes importantes de um Evangelho para o outro e sobretudo das diferenças dos três primeiros em relação ao quarto, o Evangelho de João, a lógica narrativa mantém-se fiel ao princípio cronológico.

Segue-se os Atos dos Apóstolos que encerram, no essencial, os eventos da primeira geração cristã após o desaparecimento de Jesus. As Epístolas constituem a segunda parte do Novo Testamento. Estas Epístolas são atribuídas a cinco autores, pelos quais elas se distribuem muito desigualmente: treze a Paulo – sem esquecer a Epístola aos Hebreus, de género literário bastante diferente -, uma a Tiago, duas a Pedro, três a João e uma a Judas. De maneira geral, as Epístolas apresentam-se como cartas dirigidas a comunidades cristãs bem localizadas (Tessalónica, Corinto, Éfeso, Roma...) ou a responsáveis de comunidades (Timóteo, Tito...). A sua finalidade é responder a questões mais ou menos urgentes, seja de comportamento, ou a pedidos de ajuda. A multiplicidade destas cartas, tal como a dos seus destinos, mostra a rápida expansão do cristianismo em redor da bacia mediterrânica, entre os anos 45 e 90. Se, por um



lado, elas narram poucos factos e acontecimentos, por outro elas registam o efeito da mensagem evangélica tanto entre Judeus como entre os pagãos, bem como as resistências com que ela se debateu. Fundadas sobre o carácter salvífico da morte e da ressurreição de Cristo, as Epístolas deixam em segundo plano os aspetos históricos ou biográficos do seu contexto.

É um facto de que o Cristianismo teria sido uma história bem diferente daquela que nós conhecemos se não tivesse cruzado com o destino de uma personagem complexa e misteriosa, Saulo de Tarso, na Cilícia, chamado Paulo, era ao mesmo tempo um judeu observante da corrente dos fariseus, discípulo do grande mestre Gamaliel e um cidadão romano desde nascença. Segundo alguns estudiosos, Paulo, o inventor do Cristianismo, o homem que transformou a pregação do profeta judeu Jesus, tornando-a numa religião universal. Paulo contribuiu mais do que qualquer outro para defender a nova religião até mesmo entre os não-judeus e no interior das primeiras comunidades cristãs, opôs-se com força aos judeus-cristãos, ou seja, àqueles que consideravam o cumprimento da lei mosaica um requisito fundamental para se tornar cristão. Na Carta aos Gálatas ele escreveu *não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem, nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus* (Gálatas, 3:28).

Tal como anteriormente foi referido, Jesus nada escreveu (tal como outras personagens da história cujo pensamento chegou até nós de forma indireta. Sócrates é disso exemplo). O único episódio em que existe referência a Jesus escrevendo relata o encontro do Mestre com Maria Madalena, no momento em que está para ser apedrejada. Ele escreve com o dedo na poeira do chão. O que ele escreve não é nomeado e não se sabe o que é (João, 8,6). A sua conjugação permanece indizível.

Ainda assim, este homem que nada deixou escrito mas fez da *palavra* e da *parábola* o seu instrumento de mudança fala-nos do poder da linguagem como a característica incontornável do humano. Esse é também o instrumento do escritor, do historiador, do cientista ou do artista.

Esta capacidade de *dizer o mundo*, de *comunicar com os outros*, *com Deus* e *connosco mesmos* é aquilo que nos distingue e nos torna únicos enquanto espécie. É, em última análise, o que nos assemelha ao criador. A sua dimensão é de tal forma valiosa que a célebre expressão

bíblica *no princípio era o verbo* (João, 1:1) soa como algo próximo, familiar, parte de nós mesmos. Ditas e reditas através dos tempos, além da verdadeira celebração do *verbo*, e por isso da vida, da existência, tais palavras relembram-nos a relação inextricável entre os signos e as coisas por eles nomeadas.

A Bíblia diz que Deus criou o mundo pela sua *palavra*. Tudo foi feito segundo a sua vontade, num ato único e soberano de Amor. Deus criou por amor, do *nada* para a *vida*.<sup>23</sup> Materializou o seu amor num *Logos* Universal, numa palavra sagrada e fundadora, cujas letras conjugam o *alfabeto da vida*, o caminho para luz: Jesus!

Metáfora ou epifania (produto da mente dos homens ou lugar de revelação do divino), essa expressão *alfabeto da vida* fala-nos da revelação do lugar do divino em nós: as palavras da criação e da criatividade. Com elas construímos o mundo, atribuímos-lhe um sentido. Seja o alfabeto da ciência, da literatura, da arte ou da fé. É isso que faz também José Saramago. Como escritor e *mestre da língua* o nosso autor sabe e entende o mistério da língua como o território do humano. Concretizou esse enigma de forma admirável nos inúmeros textos que nos legou, nas personagens que criou e que já constam do léxico e da memória coletiva. Quer se chame Blimunda, Baltazar ou Bartolomeu (para citar algumas das mais conhecidas), como escritor também sabe que não é o homem que possui a linguagem, mas a linguagem que possui o homem. Uma faculdade de que dispomos, um *dirigir-se a nós*, sem o qual não poderíamos falar.

Nas palavras de Paul Ricoeur, na obra *Teoria da Interpretação, a linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas porque estamos no mundo, porque somos afetados por situações e porque nos orientamos mediante a compreensão em tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer à linguagem*.<sup>24</sup> A expressão *trazer a experiência à linguagem* evidencia, antes de mais, uma referência, o apontar para algo, o determinar alguma realidade. Nela está presente uma orientação para qualquer coisa que lhe é exterior, está presente uma orientação para o mundo cuja experiência está na base da própria linguagem. "Trazer a experiência à linguagem" remete-nos, em última análise, para o plano significativo da linguagem, para a sua dimensão representativa, conduz-nos ao reconhecimento de um movimento de exteriorização no sentido de referir alguma coisa.

<sup>23</sup> Essa é também a questão Heideggeriana colocada na obra *Ser e Tempo*, "Porque há o ser e não o nada?".

<sup>24</sup> RICOEUR, Paul - *Teoria da Interpretação*. trad. de Artur Morão, Edições 70, Lisboa, 1996, p. 32.

Esta dimensão significativa, referencial da linguagem, esta sua "natural" orientação para o mundo deverá, no entender de certos pensadores, ser alargada a todos os sistemas simbólicos, deixando de estar unicamente circunscrita à linguagem verbal. Para Nelson Goodman todos os símbolos, verbais ou não verbais, orientam para algo diferente de si mesmos, para qualquer coisa exterior a si, para aquilo que substituem enquanto sinais. Todos os símbolos valem por alguma coisa.

Esta ideia de universalidade da função referencial da linguagem fundamenta-se na sua própria natureza, no seu poder de fazer e refazer o mundo. No entender de Goodman a linguagem é intrinsecamente dinâmica, ela constitui o nosso meio, de tal modo que devemos, analogicamente, alargar o âmbito de aplicação do termo *linguagem* a todas as formas que usamos para nos exprimir, passando assim o termo a incluir outros modos de falar sobre o mundo, apesar de muitos modos artísticos, como por exemplo a música e a pintura, se servirem de linguagens não-verbais. Através da linguagem o homem constrói versões-de-mundo de acordo com a compreensão que detém da realidade, de tudo o que o rodeia. Uma obra de arte, uma teoria científica, uma teoria filosófica, são versões-de-mundo que simbolizam aquilo que a partir da sua correta apreensão podemos construir, projetando as categorias que nos propõem para o interior do nosso mundo quotidiano, mundo esse que é uma síntese das diversas versões às quais estivemos expostos durante a nossa vida. O homem, tal como Goodman o concebe, é, assim, uma espécie de construtor do mundo, qual demiurgo ordenando o caos. A compreensão que o homem detém do mundo traduz-se então na capacidade que ele tem de o recriar, de o reorganizar através da criação de obras, obras cujo sentido reside na experiência que ele possui desse mesmo mundo.

*O entendimento reorganiza o mundo em termos de obras e as obras em termos de mundo.*<sup>25</sup>

É porque a linguagem vive precisamente do dizer, do afirmar as semelhanças, é porque ela vive do modo como capta, como apreende as relações entre as coisas, entre as realidades que ela pode ser considerada eminentemente metafórica. No fundo, a linguagem mais não faz do

---

<sup>25</sup> A citação em causa diz respeito à obra *Languages of Art*, de Nelson Goodman e foi retirada do texto: RICOEUR, Paul - *A Metáfora Viva*. trad. COSTA, Joaquim Torres. Porto: Edições Rés, 1983, p. 345. Esta citação é feita a partir da leitura que dela faz Paul Ricoeur.

que exprimir, expressar o nosso modo de ver o mundo. A ser assim, a linguagem é, precisamente, o que nos faz "ver o semelhante", o que nos faz relacionar o que, no fundo, é passível de ser relacionado.

Contudo, não poderemos esquecer que existe uma tendência natural para fixar, imobilizar o sentido das palavras. É, justamente, na fixação do sentido veiculado pelo uso repetido numa contextualização que se fundamenta a "falsa crença" num sentido literal, numa significação própria das palavras. É que, na realidade, é a partir do estabelecimento de relações de semelhança entre diferentes realidades e da fixação do sentido das palavras no contexto em que afirmam essas mesmas relações, que organizamos, que procedemos à *leitura* do mundo. É, portanto, através da linguagem que predicamos a realidade, que a etiquetamos (na expressão de Goodman) e, simultaneamente vinculam o sentido das palavras ao nosso modo de experienciar, de construir, de edificar o mundo.

Assim sendo, a metáfora, enquanto possibilidade de sentido, não é mais do que o reconhecimento de uma relação de semelhança onde ela não existia ou onde a sua perceção não era evidente. A metáfora é, por conseguinte, uma nova predicação da realidade, uma nova forma de dizer uma relação entre "mundos" que escapa, que traí a visão, a forma "convencional" de rotular a realidade que o sentido literal fixou, determinou.

A metáfora constitui, deste modo, o limiar de uma nova maneira de afirmar, de atribuir predicados, qualidades, uma nova forma de saborear o mundo! Ela é a expressão de uma nova "categorização", de uma categorização que se coloca em oposição àquela que o sentido literal das palavras, que o sentido literal do dizer convencionou. Nas palavras de Richards

*O nosso mundo é um mundo impregnado de caracteres pedidos de empréstimo à nossa própria vida...as trocas entre as significações das palavras que estudamos nas metáforas verbais explícitas são sobrepostas a um mundo percebido, ele próprio produto de metáforas anteriores espontâneas.*<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> A citação em causa integra a obra de I. A. Richards e foi retirada do texto: RICOUER, Paul - *A Metáfora Viva*. trad. COSTA, Joaquim Torres. Porto: Edições Rés, 1983, p. 129

Metaforizar traduz a suspensão da referência da linguagem ordinária, literal e a apresentação de uma nova referência.

No início deste capítulo utilizamos um epíteto polémico. A sua utilização não é inocente. Tem como objetivo demonstrar a natureza não objetivável do homem, do mundo e da palavra. A análise anterior da palavra metáfora (ainda que de forma sumária e sucinta) dá conta disso mesmo. A linguagem do profeta, do poeta, do escritor, do romancista, tal como a metáfora viva, a metáfora da invenção dá conta do mundo tal como ele é apreendido num e por um determinado sentimento, num e por um determinado pensamento.

Na verdade, a linguagem poética, profética, a linguagem da fé analogamente à linguagem científica, da linguagem quotidiana mais não faz do que explicitar a compreensão que temos do mundo. Ainda que seja a expressão de uma realidade outra, ainda que se fundamente num modo de sentir o mundo, o discurso poético, profético, a língua da fé, de Cristo, traz consigo uma nova referência, traz consigo uma referência que se funda no "é" e no "não é" patente no enunciado metafórico, que se funda na afirmação do mesmo através do outro. Ele surge no espaço hipotético da ficção, tal como a metáfora se apresenta como uma *category-mistake*, como uma predicação insólita, bizarra da realidade. Por este motivo, poder-se-á afirmar que o este tipo de discursos define o espaço onde entram em conflito novas possibilidades de ser e o modo como as coisas se passam na realidade, é o lugar onde entram em conflito um *é metafórico* e um *não é literal* que nos dá conta do mundo a partir de uma ideia, de um pensamento que dele temos.

Tal como o discurso científico explicita a natureza a partir da construção do modelo, ou seja, parte de uma maneira de olhar para a realidade e de a descrever a partir de uma função heurística (função heurística essa que se define pela formulação de exemplos que não são exatamente idênticos a ela, mas que são inventados); tal como o discurso científico que, mediante os modelos teóricos, se refere à realidade através de um discurso heurístico permitindo-lhe, tal facto, explicar melhor determinado fenómeno, também o discurso poético, profético, o discurso ficcional utilizando esse mesmo discurso heurístico, inventivo, criativo dá conta, de certa forma, da realidade. Da mesma maneira que o modelo explica a natureza ultrapassando, todavia, o seu modo de ser, também o discurso poético, profético, o discurso da fé ou o discurso ficcional aproxima realidades distantes, reinventa o mundo dando origem a novos horizontes de sentido.

## Conclusão

É conhecida a célebre afirmação de Saramago *saberemos cada vez menos o que é um ser humano*. Uma epígrafe que serve de mote ao *Livro das Previsões*, inscrito na contracapa de um dos seus mais célebres textos: *Intermitências da Morte*.

*Saberemos cada vez menos o que é um ser humano* porque, na verdade, aquilo que somos não é objetivável. Somos muitas coisas que as palavras não conseguem dizer. E somos capazes de muitas coisas que as palavras não conseguem descrever. Temos em nós a grandiosidade da criatividade e somos autores dos feitos mais belos, mas também dos mais destrutivos. Saramago como leitor do mundo, da vida e da condição humana exprime-o admiravelmente através da sua literatura e da sua poesia. Como ele próprio diz *somos iguais aos deuses inventando*. A sua vida literária é uma demanda em busca dessa resposta. Como grande humanista que é, a questão de Deus não poderia ficar de fora. Dedicou-lhe tempo, atenção e energia. Questionou-o sem contemplações. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* não é só uma visão crítica dos acontecimentos históricos e bíblicos desta figura central, deste Deus crucificado, mas um questionamento do lugar do divino no coração da humanidade. É certo que os textos bíblicos e a Igreja que os institucionalizou foram sempre lugar de inúmeras exegeses e interpretações e de inúmeras fraturas e também lugar do exercício do poder (de todos os movimentos de Reforma e Contra-Reforma de que foi alvo ao longo da história de forma sangrenta). Nunca como agora se assistiu a uma proliferação tão grande de inúmeras denominações cristãs e das consequentes exegeses dos chamados textos sagrados, cada uma reivindicando a verdade universal. Mas isso não apaga a inesgotável fonte de riqueza, ensinamentos e questionamento. E existe a diferença do Jesus mediado pelo discurso religioso, filtrando as suas palavras e o Jesus intemporal, pessoal, que mora no coração dos homens. Uma diferença fundamental e uma experiência que a lógica e a ciência nunca poderá descortinar ou entender.

Muito já foi dito sobre este *Homem* que viveu há mais de dois milénios atrás e que proferiu *palavras poderosas*, estranhamente inquietantes, que se instalam na nossa alma e nos confrontam com o mais profundo do nosso ser. Para aqueles que vivem pela fé são palavras que atestam da sua qualidade de *Justo, Príncipe da Vida, Senhor do Universo*. São palavras que falam do seu grande Amor por nós. Por isso experimentou a nossa condição como seres imperfeitos e cheios de contradições.

E ainda que se reúna toda a literatura e toda a ciência do mundo, escrita ao longo de séculos e séculos, ainda que se convoque a memória de todo o saber acumulado durante milénios, será sempre insuficiente para falar deste *Homem Maravilhoso*, cujo nome ressoa perpetuamente através do Universo, no fundo do silêncio, como duas notas separadas e fundidas, como uma harmonia pura e lancinante. O seu nome traduz a palavra do Deus vivo. Esta é a verdade da fé, não objetivável pela razão, uma experiência que, para aqueles que creem, excede todo o entendimento. Uma janela de liberdade. Porque para aqueles que creem, *foi para a liberdade que Cristo nos libertou*. Viveu de forma simples, despojada, não possuindo coisa alguma e na sua missão evangélica não se afastou muito da terra onde nasceu. Contudo, o poder da sua mensagem mudou o mundo de uma forma inquestionável.

E foi humano, com um corpo corruptível como o nosso, sujeito à dor, à morte e às mesmas inquietações, alegrias e contradições: alegrou-se, enfureceu-se, chorou a morte de um amigo, angustiou-se perante a morte anunciada no Jardim das Oliveiras. E certamente amou.

Durante mais de dois milénios foi fonte inspiradora de artistas, de escritores e das mais belas peças de música dos maiores compositores que a cultura humanística e universal tem conhecimento. A experiência musical é talvez de todas as linguagens aquela que fala com mais propriedade do seu mistério, desse sentido metafórico. Poderemos alguma vez objetivar a experiência do *Requiem* de Mozart ou a *Paixão segundo São Mateus*, de Bach?

Mas não é só no registo erudito que a sua influência se fez sentir. Foi, é e continuará a ser também um *produto cultural*, um *símbolo* apropriado ao longo de séculos de inúmeras leituras e releituras num texto universal sempre inacabado.

José Saramago também se transformou num símbolo. Na sociedade secular e intelectual atual o nosso autor é uma espécie de referência sagrada. Os seus livros estão traduzidos em inúmeros países e línguas e são vendidos milhares de exemplares, numa cobertura à escala global. É difícil, por isso, falar e distinguir o sagrado do profano, porque assumem outras formas, outras roupagens. E tanto é assim, que este *Evangelho* ou *anti Evangelho* (como lhe quisermos chamar) foi, desde o início, aquando da sua publicação um livro amado e odiado. Justamente porque foi proferido por alguém cujas palavras mudam o mundo. Foi este o motivo principal que presidiu ao veto protagonizado em 1992 pelo então subsecretário de

Estado e da Cultura, António de Sousa Lara que o riscou da lista de concorrentes ao Prémio Literário Europeu. Um ato de censura reprovável porque *o pensamento é o lugar da nossa liberdade*. Não pode ser de outra forma.

José Saramago disse às centenas de convidados que assistiram à apresentação do seu livro no Fórum Picoas que «este não é um livro canónico respeitador da verdade encontrada pelas igrejas nos Evangelhos, mas antes uma leitura racionalista que, porventura, pode chocar a fé de certos crentes sinceros». No entanto, o escritor alegaria ter procurado nos evangelhos «o que há de demasiadamente, para enfrentar o atrevimento de escrever sobre a vida de Jesus».

«Escrevi com dignidade e não prevejo, nem desejo, reações da Igreja Católica, pois trata-se apenas de uma obra literária que versa um tema invulgar», disse José Saramago, sublinhando gostar mesmo «que a Igreja Católica não reaja, deixando os leitores fazerem o seu próprio juízo».<sup>27</sup>

"O *Evangelho segundo Jesus Cristo* contém uma história que todos conhecemos. E contém cenas e afirmações que há alguns anos atrás teriam lançado o autor na fogueira, sem direito a sepulcro. O escritor toma para si liberdades que são a substância da criação, e comporta-se, na invenção do seu mundo, como Deus. Este é o evangelho segundo Saramago..."<sup>28</sup>

Jesus, o Nazareno, também mudou o mundo pelas suas palavras. Falou dessa enorme maravilha que é a vida. Deixou-nos o exemplo das suas parábolas e uma mensagem que somos livres de seguir ou não. Deixou-nos a liberdade. Saramago também celebra esta liberdade através da escrita. Questionou o lugar do divino com o mesmo desassombro com que denunciou, toda a sua vida, o lugar da condição humana. Por isso também ele é filho de

---

<sup>27</sup> Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) – *Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI): Literatura - José Saramago. O Evangelho Segundo Jesus Cristo: Apresentação da obra*. [Em linha]. [Consult. 20 Abr. 2014]. Disponível em WWW: [http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/apr\\_ev3.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/apr_ev3.html). Informação retirada d' *O Jornal*, 22 de Novembro de 1991, pág. 14

<sup>28</sup> Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) – *Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI): Literatura - José Saramago. O Evangelho Segundo Jesus Cristo: Críticas*. [Em linha]. [Consult. 20 Abr. 2014]. Disponível em WWW: <http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/>. Clara Ferreira Alves, Expresso, 2 de Novembro de 1991



Abraão porque ser filho de Abraão significa responder ao chamamento, dar início à viagem, tornar-se um estranho. É esse o significado da fé. É desinstalar-se do que é familiar, confortável, seguro e dirigir-se rumo ao desconhecido. O chamamento é a afirmação de que a relação com Deus, ou com o divino se quisermos (origem das palavras e da língua) não é uma relação de pertença, mas de estranheza.

Por isso, somos todos estrangeiros em busca da terra prometida.

## **ALGUMAS PISTAS DE DISCUSSÃO E EXPLORAÇÃO DA OBRA**

1. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* constitui uma visão antirreligiosa e antidogmática de Jesus, o Nazareno? De que forma é que este homem é apresentado no livro?
2. Quais as diferenças apresentadas nesta obra e os Evangelhos Canónicos que constituem o Novo Testamento?
3. Qual o sentido da afirmação de muitos comentadores e críticos literários ao classificar este livro de José Saramago como o quinto Evangelho?
4. *O Evangelho segundo Jesus Cristo* inicia-se com a descrição da crucificação imortalizada na gravura do artista alemão Albrecht Dürer. Qual o significado deste início no contexto geral do texto?
5. No entender de José Saramago, qual o lugar da transcendência no pensamento do homem?
6. É célebre a expressão marxista “a religião é o ópio do povo”. De que forma é que esta afirmação está materializada neste texto? Que personagens a representam?
7. A ironia é uma das armas literárias mais utilizadas por José Saramago. Que momentos principais deste *Evangelho* a denunciam?
8. Qual o sentido da caracterização e da escolha de um *mendigo anjo* para a anunciar a boa-nova a Maria?
9. De que forma é que José e Jesus vivenciam a experiência da *culpa*, do *pecado* e do *castigo*? Quais os principais momentos da narrativa que assinalam essa experiência?
10. Um dos eixos fundamentais da obra é a referência aos sacrifícios. De que forma é que o sacrifício da rola prefigura e anuncia o sacrifício final da crucificação?
11. De que forma é apresentado Deus neste *Evangelho*? Como se relaciona com o filho? Que momento do livro melhor retrata este encontro?
12. Qual a importância e o papel da figura do Diabo neste texto?
13. Que relação pode ser estabelecida entre *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago e o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente?
14. Qual o significado dos conceitos de *metáfora* e *epifania* e qual a sua relação com a obra em análise?
15. Fará sentido hoje em dia falar em dicotomias como sagrado/profano? Que roupagens utilizam e quais os símbolos que a representam? Fará sentido falar nos escritores como deuses da humanidade que ditam e estruturam códigos sociais, morais, éticos, políticos e económicos?

## BIBLIOGRAFIA

### Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras<sup>29</sup>

#### 1. De José Saramago

SARAMAGO, José – *O silêncio da água*: Caminho, 2011. 318 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** I-LIT COM SAR

SARAMAGO, José – *O caderno*. Lisboa: Caminho, 2009. 221 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Caim*. Lisboa: Caminho, 2009. 318 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *A viagem do elefante*. Lisboa: Caminho, 2008. 258 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 2007. 373 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR; DEP 1938

SARAMAGO, José – *As pequenas memórias*. Lisboa: Caminho, 2006. 149 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

**Cota:** OUT-GEN OUT-GEN-POR SAR

SARAMAGO, José – *As intermitências da morte*. Lisboa: Caminho, 2005. 214 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*. Lisboa: Caminho, 2005. 135 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide de Oeiras

**Cota:** TEA TEA-POR SAR

---

<sup>29</sup> Atendendo ao elevado número de títulos de José Saramago (não só obras de autor, mas também colaborações, prefácios, traduções, etc.) existentes na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras, apenas citamos algumas das mais importantes. Consulte em [www.catalogo.cm-oeiras.pt](http://www.catalogo.cm-oeiras.pt) o fundo documental disponível.

SARAMAGO, José – *O homem duplicado*. Lisboa: Caminho, 2004. 239 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Diário de Notícias, 2003. 253 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *O homem duplicado*. Lisboa: Caminho, 2002. 318 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR; DEP 14570; DEP 17751

SARAMAGO, José – *A maior flor do mundo*. Lisboa: Caminho, 2002, 2005. 31 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** I-LIT COM SAR

SARAMAGO, José – *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 2002. 350 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Todos os Nomes*. Lisboa: Planeta De Agostini, 2002. 279 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *História do Cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho, 2002. 318 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *A Caverna*. Lisboa: Caminho, 2000. 350 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR; DEP 21869

SARAMAGO, José – *Levantado do chão*. Lisboa: Caminho, 1999. 366 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Manual de pintura e caligrafia*. Lisboa: Caminho, 1998. 311 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Caminho, 1998. 310 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Baltasar and Blimunda*. London: Harvest, 1998. 343 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** LIT-LIN-EST AUT-POR SAR

SARAMAGO, José – *Que farei com este livro?* Lisboa: Caminho, 1998. 175 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** TEA TEA-POR SAR

SARAMAGO, José – *Terra do pecado*. Lisboa: Caminho, 1998. 290 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Deste mundo e do outro*. Lisboa: Caminho, 1998. 232 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *A Noite*. Lisboa: Caminho, 1998. 124 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

**Cota:** TEA TEA-POR SAR

SARAMAGO, José – *O conto da ilha desconhecida*. Lisboa: Caminho, 1997. 318 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR; DEP 19118

SARAMAGO, José – *Provavelmente alegria*. Lisboa: Caminho, 1996. 98 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** POE POE-POR SAR

SARAMAGO, José – *Viagem a Portugal*. Lisboa: Caminho, 1996. 271 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** OUT-GEN OUT-GEN-POR SAR

SARAMAGO, José – *Cadernos de Lanzarote I, II, II, IV, V*. Lisboa: Caminho, 1995.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *In Nomine Dei*. Lisboa: Caminho, 1993. 164 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** TEA TEA-POR SAR

SARAMAGO, José – *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1992. 445 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Carnaxide

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho, 1988. 349 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

SARAMAGO, José – *Provavelmente Alegria*. Lisboa: Caminho, 1987. 98 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** DEP 18599

SARAMAGO, José – *A segunda vida de Francisco de Assis*. Lisboa: Caminho, 1987. 132 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

**Cota:** TEA TEA-POR SAR

SARAMAGO, José – *Provavelmente Alegria*. Lisboa: Caminho, 1987. 98 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** POE POE-POR SAR

SARAMAGO, José - *A bagagem do viajante*. Lisboa: Caminho, 1986. 241 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** OUT-GEN OUT-GEN-POR SAR

SARAMAGO, José – *Os poemas possíveis*. Lisboa: Caminho, 1985. 174 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** POE POE-POR SAR

SARAMAGO, José – *Objeto Quase*. Lisboa: Caminho, 1978. 139 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** ROM ROM-POR SAR

## 2. Obras consultadas

BASTOS, Batista – *José Saramago, aproximação a um retrato*. Lisboa: sociedade Portuguesa de Autores, Publicações Dom Quixote, 1996. 113 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** CRI-LIT CRI-LIT-POR BAS

*Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. Saramago. dir. COUTO, Jorge. Lisboa: Instituto Camões, 1998. 112 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** CRI-LIT EST-LIT-POR CAM

DELUMEAU, Jean – *As grandes religiões do mundo*. dir. DELUMEAU, Jean. trad. TAMEN, Pedro. Lisboa: Editorial Presença, 1997. 735 p.

IÁÑEZ, Eduardo - *História da Literatura. Literatura contemporânea até 1945*. trad. SOARES, Fernandes. Vol. 8. Lisboa: Planeta Editora, 1999. 404 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** CRI-LIT HIS-LIT IAN

NIETZSCHE, Frederico – *Para além do bem e do mal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1996. 234 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** DEP 1588

NIETZSCHE, Frederico – *Para a Genealogia da Moral*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997. 217 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** FIL FIL NIE

REIS, Carlos – *História Crítica da Literatura Portuguesa. Do Neorrealismo ao pós-modernismo*. Lisboa: Editorial Verbo, 2005. 411 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** CRI-LIT HIS-LIT SIL

SEIXO, Maria Alzira – *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999. 176 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** CRI-LIT HIS-LIT SIL

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da Silva – *José Saramago, entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989. 278 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Algés

**Cota:** CRI-LIT HIS-LIT SIL

TANNER, Michael – *O pensamento de Nietzsche*. trad. LEONE, Carlos. Lisboa: Editorial Presença, 1997. 102 p.

**Local:** Biblioteca Municipal de Oeiras

**Cota:** FIL FILO TAN

### 3. Bibliografia Complementar

PEÑA Fernández, Francisco – *José Saramago o la intertextualidade inversa : transformación de la tradición apócrifa en O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Madrid : Universidade Complutense, 2006.

BERTOLINI, Massimo – *Através das portas intransponíveis: inspirando na obra de José Saramago “O ano da morte de Ricardo Reis”*. Lisboa: Instituto Di Cultura, 2004.

BESSE, Maria Graciette – *A jangada de pedra de José Saramago: l’errance et l’utopie*. La Lusophonie: Voies/voix océaniques, Colóquio Internacional, Bruxelas, 1997.

FOKKEMA, Douwe. BERTENS, Hans. *Internantional Postmodernism. Tehory and Practise*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1997.

ARNAUT, Ana Paula – *Memorial do Convento. História, ficção e ideologia*. Coimbra: Fora do texto, 1996.

KAUFMAN, Helena. *A metaficção histórica de José Saramago*. Lisboa: Colóquio/Letras, 1991.

GUSMÃO, Manuel. *O sentido histórico na ficção de José Saramago*. Lisboa: Vértice, 1987.

COSTA, Horácio – *Sobre a pós-modernidade em Portugal: Saramago revisita Pessoa*. Lisboa: Colóquio/Letras, 1989.

FARIA, Duarte – *José Saramago, Levantado do Chão*. Lisboa: Colóquio/Letras, 1981.



**SELECÇÃO DE WEBSITES**

JÚDICE, Nuno (dir.) - Colóquio Letras. [Em linha]. Lisboa: Função Calouste Gulbenkian, 1971-.... [Consult. 20 Abr. 2014]. Disponível na www: <URL: <http://coloquio.gulbenkian.pt/index.html>>

Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) – *Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI): Literatura - José Saramago*. [Em linha]. [Consult. 20 Abr. 2014]. Disponível em WWW: <URL:

<http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/>>

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

<http://www.vidaslusofanas.pt>

[http://downloadexpresso.ani.pt/expressoonline/PDF/200412livrosproibidos33\\_74.pdf](http://downloadexpresso.ani.pt/expressoonline/PDF/200412livrosproibidos33_74.pdf)

## **Ficha técnica**

### **Projeto**

Câmara Municipal de Oeiras

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação

### **Guião de Leitura**

Capa: GC – Gabinete de Comunicação | Vera Alves

Elaboração: DBDI | Biblioteca Municipal de Oeiras | Ana Paula Jardim